



**UNIVERSIDAD NACIONAL DE ROSARIO
FACULTAD DE HUMANIDADES Y ARTES
DOCTORADO EN HUMANIDADES Y ARTES CON MENCIÓN EN
CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN**

**O QUE É ESCOLA SEGUNDO PIERRE BOURDIE, MICHEL FOUCAULT E
PAULO FREIRE: UMA ANÁLISE CRÍTICA**

PAULO FERNANDO DA SILVA

**ROSÁRIO - AR
2014**

PAULO FERNANDO DA SILVA

**O QUE É ESCOLA SEGUNDO PIERRE BOURDIE, MICHEL FOUCAULT E
PAULO FREIRE: UMA ANÁLISE CRÍTICA**

Esta atividade é apresentada à Universidade Nacional de Rosário como um trabalho para nota parcial do Seminario de Instituições Universitárias: Para a obtenção de grau de doctor en humanidades y artes con mención en educación, sob a orientação do Prof. Dr. José A. Trainer.

RESUMO

Introdução: A idéia de juntar pessoas em um local para a captação de conhecimento e difusão de saberes vem desde a Antiguidade. O sistema de educação primária iniciou-se em diversas partes no mundo: Grécia, Roma, Índia e China cada um embebecido com sua cultura local. Mas foi na Europa, durante os séculos XIV e XV ocorreu a expansão da instituição pela necessidade de divulgar os preceitos e da escrita entre os mais nobres. Aos poucos a escola consegue se transformar num local de controle eclesiástico e político do povo. Frequentá-la é uma prova de honradez, utilidade e de crescimento profissional. Na verdade, a oferta de aprendizado é centrada na aquisição de competências precisas para o desempenho do papel do sujeito como cidadão. **Objetivos:** O objetivo geral deste trabalho visa retirar das produções científicas de Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Paulo Freire posicionamentos concordantes e discordantes. Além de revisar os documentos existentes sobre os autores, ordenar as principais idéias, a partir da revisão de literatura, com o objetivo específico de analisar e interpretar as críticas feitas ao sistema escolar. **Metodologia:** Realizou-se uma seleção de várias produções científicas, livros, periódicos e artigos cujos autores são sociólogos e filósofos educacionais, a fim de identificar suas principais ideias em relação a instituição “escola” . O estudo se volta para duas questões básicas: análise comparativa das obras de Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Paulo Freire e a construção de ideia conclusiva, quanto tema. A Pesquisa bibliográfica eiva-se de caráter qualitativo e descritivo. **Resultados:** A função da escola, ao longo do tempo assumiu diversas conotações quanto seu verdadeiro papel. E diante das análises dos discursos de Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Paulo Freire verificou-se, claramente concepções diferentes, ora concordantes e discordantes. **Conclusão:** Apesar dos autores não ter desenvolvido modelos pedagógicos, suas idéias ajudaram a compreender o significado social da instituição, onde a educação deixa de ser vista de forma individualista e sim através de uma perspectiva coletiva.

PALAVRAS-CHAVES: escola, educação, ensino

1 INTRODUÇÃO

A ideia de juntar pessoas em um local para a captação de conhecimento e difusão de saberes desde a Antiguidade. O sistema de educação primária iniciou-se em diversas partes no mundo: Grécia, Roma, Índia e China cada um embebecido com sua cultura local. Mas foi na Europa, durante os séculos XIV e XV ocorreu a expansão da instituição pela necessidade de divulgar os preceitos e da escrita entre os mais nobres.

Aos poucos a escola consegue se transformar num local de controle eclesiástico e político do povo. Frequentá-la é uma prova de honradez, utilidade e de crescimento profissional. Na verdade, a oferta de aprendizado é centrada na aquisição de competências precisas para o desempenho do papel do sujeito como cidadão.

2 O PENSAMENTO DE PIERRE BOURDIEU, MICHEL FOUCAULT E PAULO FREIRE SOBRE A ESCOLA

2.1 PIERRE BOURDIEU

Para Bourdieu, a escola é o lugar onde o conhecimento é transmitido de forma democrática para todos os alunos, **aparentemente**. O sociólogo francês, que viveu até o início deste século, percebeu que o ensino não é transmitido da mesma forma para todos os alunos; segundo ele, alunos pertencentes às classes sociais mais favorecidas trazem de berço uma herança, que ele chamou de capital cultural, ou seja, capital de cultura. A cultura é o conjunto dos valores e significados que orientam e dão personalidade a um grupo social. Já o capital cultural é uma metáfora criada por Bourdieu para explicar como a cultura em uma sociedade dividida em classes se transforma em uma espécie de moeda, que as classes dominantes utilizam para acentuarem as diferenças. A cultura se transforma em instrumento de dominação; além disso, a classe dominante impõe às classes dominadas, a sua própria cultura, dando um valor incontestável, fazendo com que seja a cultura boa. Bourdieu percebeu essa dinâmica e a batizou de “arbitrário cultural dominante”. Assim, De Almeida Cunha (2007) lembra que a desigual distribuição do capital cultural estimula ainda mais o conflito pela posse desse bem, o que denuncia o constante jogo de dominação de um grupo sobre o outro para

manter estrategicamente a estrutura simbólica reconhecida e legitimamente aceita por todos.

O arbitrário cultural dominante nada mais é do que uma cultura se impor sobre outra. Uma das mais importantes contribuições desse pensamento para a educação foi transpor toda essa ideia para a escola. A escola dissimuladamente contribui para que essa cultura dominante continue sendo transmitida como tal e dessa forma acaba favorecendo alguns alunos em detrimento de outros. Os desfavorecidos são justamente aqueles alunos que não tiveram contato, através da família, com o capital cultural, sejam na forma de livros e outras coisas concretas, seja por não falta de acesso a lugares e informações facilmente disponíveis para os estudantes mais ricos. Eles não conseguem dominar os mesmos códigos culturais que a escola valoriza e o aprendizado para eles é muito mais difícil.

Bourdieu entende que, assim, a escola marginaliza os alunos das classes populares, enquanto privilegia os alunos mais dotados de capital cultural. Bourdieu (1998), por exemplo, menciona a forte adesão da classe média aos valores escolares; para ela é a compensação de uma vida marcada pela privação cultural e a possibilidade almejada de aquisição de uma cultura legitimada pela escola. Por isso, o discurso de igualdade que a escola prega não funciona na prática. A escola não cobra dos alunos apenas o que foi ensinado: ela cobra outras habilidades que são fáceis para uns e estranhas para outros. Assim, ela acaba enfatizando as diferenças. Os alunos que cresceram em culturas distintas ou que não possuem um bom capital da cultura dominante se enganam e pensam que a dificuldade é falta de inteligência. Um exemplo dessa dominação cultural nas escolas é a escolha das matérias mais importantes: não é difícil perceber que nos currículos disciplinas como física, matemática e história são mais valorizadas do que desenho ou educação física, por exemplo; assim a dominação de classe sobre outras se mantém.

Pierre Bourdieu acreditava existir uma saída para toda essa violência simbólica exercida inconscientemente pela escola; bastava tornar explícito todo esse funcionamento velado da instituição.

2.2 MICHEL FOUCAULT

Michel Foucault foi um importante filósofo e professor da cátedra de História dos Sistemas de Pensamento no Collège de France, de 1970 a 1984. Desenvolveu todo o seu trabalho em torno da arqueologia do saber filosófico, da experiência

literária e da análise do discurso. Publicou em 1954, o seu primeiro livro, "Doença mental e personalidade", onde se notam as influências de Marx e Heidegger. Teve uma vida e um filosofia bastante controversas e criativas. E de fato há quem se recuse a admitir que Foucault fora um filósofo no real sentido da palavra. O fato é que o pensamento de Foucault é algo que poderíamos chamar de pensamento transversal, pois perpassa os campos da filosofia, da história, da sociologia, do direito e o da psicologia. Para além dessa questão de trabalhar num campo de confluência de várias áreas de pensamento, Foucault tem uma obra controversa por seu desenvolvimento histórico: ele muda a orientação das suas pesquisas, das suas investigações algumas vezes durante esse percurso de pensamento e isso levou alguns autores a falar na existência de três Foucault, a saber: 1ª fase) o Foucault que produz uma arqueologia, por ele intitulada em suas obras de Arqueologia do Saber, método arqueológico do pensamento; 2ª fase) Foucault Genealogista, preocupado com a questão do poder e vai tematizá-la, sob influencia de Friedrich Nietzsche, pensando na genealogia das relações do poder; e 3ª fase) Foucault produz ao pensar nas questões da ética, voltando-se para o estio de vida dos povos antigos, estuda a história da sexualidade e encontra nos gregos e romanos outra maneira de se viver e de tematizar a vida. Então a controvérsia da obra de Foucault também se coloca nesta direção de uma obra que sofre mudanças ao longo do seu percurso, mas o próprio Foucault, em entrevistas, já no final de sua vida, dizia que ele próprio não via essas mudanças de percurso; diz ele que sempre se preocupou com uma determinada questão e a questão central da preocupação dele como ele próprio disse é o problema do "sujeito". **REFERÊNCIA DA ENTREVISTA CADÊ?**

Esse problema do sujeito atravessa a sua obra como um todo, desde as primeiras investigações até aquelas que faz no final de sua produção e segundo o autor, com diferentes inflexões. Então temos o sujeito tematizado na sua relação com o saber na fase arqueológica, o sujeito tematizado com a sua relação com o poder na fase genealógica e o sujeito tematizado na sua relação consigo mesmo na fase da ética, na qual Foucault pensa a estética da existência.

Um dos aspectos interessantes do pensamento de Foucault é que embora tenha se dedicado a vários campos, produzindo o hoje chamado pensamento transversal, a educação não foi um dos campos que ele tematizou. Foucault não tem nenhuma obra específica sobre a educação, embora ele tangencie temas educacionais, especialmente em uma obra que ele escreveu em meados dos anos

1970, a saber “Vigiar e Punir”, que tem por subtítulo “História da Violência nas Prisões”. É muito significativo que em um dos principais capítulos desta obra, quando Foucault trabalha com o fenômeno da disciplina, o centro da análise dele é feito em torno da instituição escolar. Logo, há nesta obra todo um trabalho sobre a instituição escolar, mas não é exatamente uma obra sobre educação.

Em sua obra “As Palavras e as coisas” Foucault diz que sujeito é um conceito, uma ideia construída historicamente, que tem seu nascimento na modernidade. Para Foucault, está em vias de desaparecimento esse conceito moderno de sujeito que compreende o ser humano como universal, como se ele sempre tivesse existido, com essas mesmas características, como se ele não passasse por transformações históricas. Foucault mostra que, ao contrário, o sujeito foi inventado e que outras formas de concepção do sujeito serão criadas em seu lugar. Assim, o pensador alega que se há formas históricas do sujeito, há também formas históricas de educação.

[...] meu papel é o de mostrar às pessoas que elas são muito mais livres do que pensam ser que elas tem por verdadeiros, por evidentes, alguns temas que foram fabricados num momento particular da História e que essa suposta evidência pode ser criticada e destruída.” (VEIGA-NETO, 2007, p.14)

A verdade para Foucault é uma construção histórica, um conjunto de forças, portanto a noção de verdade é resultado do efeito das relações de poder. O que podemos fazer é saber como a verdade é produzida.

A sociedade está acostumada a entender o poder como algo negativo, proibido, secreto e uma área improdutiva. Porém, Foucault afirma que o poder produz saber e novos conhecimentos. Diante destas afirmações, surge um questionamento sobre a educação como prática de liberdade. E a resposta surge em um dos últimos trabalhos de Foucault, intitulado “A história da sexualidade no ocidente”, onde, ao estudar as práticas sexuais da civilização greco-romana, depara-se com um conceito bastante debatido entre filósofos históricos, que é o de *cuidar de si*, traduzido no olhar reflexivo e saudável do corpo, mente e alma. Pode-se deduzir claramente que o cuidar de si remete-nos à prática da liberdade.

Foucault é um crítico da instituição escolar e em diversas entrevistas ele nos remete a uma reflexão e menciona que a escola está intimamente compromissada com a manutenção do poder.

Entender o poder como algo palpável, como um a coisa que se adquire ou se compra, consiste em um grande engodo. Dispomos da afirmação que o poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação, com o também da afirmação que o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo um a relação de força (FOUCAULT, 2003, p. 175).

A escola está preocupada em formar o sujeito para a sociedade, dentro dos moldes sociais, com uma educação de conteúdos formais que tem um objetivo externo ao sujeito e indiferentes ao verdadeiro sentido de cuidar de si.

A escola torna-se [...] um espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar físico onde os menores movimentos são controlados onde todos os acontecimentos são registrados [...] (FOUCAULT, 1977, p. 174).

A escola está mais preocupada em enquadrar os alunos em uma escala de notas, em uma hierarquia dos saberes com a finalidade de se obter títulos, a fazê-los passar em vestibulares, concluir um curso superior e enquadrar-se no mercado de trabalho. Muito raramente, entende-se o processo educativo como a construção do sujeito. Isto apenas reforça a ideia de dominação e não a prática de liberdade traduzida na formação da personalidade do sujeito.

O espaço deve ser visto como algo útil e funcional, a escola deve ser dividida através de séries e classes e as mesmas individualizarem os alunos através da disposição em filas o que facilita a vigilância e o controle. O professor visualiza os alunos, pois cada um se define pela sua posição na classe, nesse sentido "(...) a sala de aula formaria um grande quadro único, com entradas múltiplas, sob o olhar cuidadosamente 'classificador' do professor" (FOUCAULT, 1977, p. 135).

2.3 PAULO FREIRE

Paulo Freire foi um educador e filósofo brasileiro, que pregava a mudança de consciência e da estrutura no fazer pedagógico. Em suas obras, enfatizou a temática dos saberes necessários para a prática pedagógica. Quando se trata deste pilar, devemos perceber que sua trajetória de ação política e biografia como um todo estão delicadamente expressas em suas obras, isto é, Paulo Freire escrevia sobre aquilo que pensava, vivenciava e as experiências que ele tinha como educador. Em sua trajetória, ele valoriza ideias basilares, entretanto, quase nunca seguidas pela comunidade escolar, como: brandura, amor, humanismo, moral e esperança.

A escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, por isso que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, se adivinha, a escola que apaixonadamente diz *sim* à vida. E não a escola que emudece e me emudece. (FREIRE, 1997, p. 42)

Em sua opinião, a sociedade está alienada e viciada em um consumismo desenfreado – sem limites norteadores do que é certo ou errado – liderado por uma mídia manipuladora, resultando em um ser humano sem reflexão. Por seu desempenho em ensinar aos pobres, Paulo Freire tornou-se uma inspiração para gerações de professores, especialmente na América Latina e na África.

Segundo Paulo Freire, a escola não era para todos, apesar de ser gratuita; na época **QUE ÉPOCA?** eram as melhores; porém, a instituição escolar castigava e expulsava os alunos que não eram aprovados nas disciplinas formais ou não acompanhavam a evolução das séries. A falha no sistema educacional tem origem no emprego de técnicas que estão aquém e sem nexos com a realidade econômico-social do discente, mantendo a escola como uma instituição de dominação e separação entre os adaptados e os menos adaptados, confirmando o poder ideológico do Estado. A escola é um instrumento de segregação, ao invés de democratização. Sendo assim, Paulo Freire quebra os paradigmas quando ensina àqueles que não se adaptaram ao sistema e depois busca mudá-lo.

(...) No sentido mais clássico: copiar 100 vezes "não errarei mais", ficar "de castigo" ou ser expulso de sala... Ao pensar assim, extrapola-se o plano meramente intelectual. O aluno pode ver no erro uma falha moral e também cultural - uma espécie de pecado sem remissão, mais ou menos relacionado com sua origem social. (FREIRE; CAMPOS, 1982, p.4)

Entre inúmeros conceitos, Paulo Freire criou e nomeou um tipo de pedagogia, bastante criticada por ele, a Pedagogia anti-dialógica ou bancária; esta definição nos remete a uma das formas de conhecimento de uma pedagogia apassivadora e não reflexiva, não revolucionária, determinista, aplicada na escola e que não se baseia no diálogo, nem o valoriza. Este tipo de pedagogia anti-dialógica não apresenta inovações. Apenas deposita o conhecimento e os alunos acolhem passivamente, remontando à conquista do oprimido pelo opressor.

Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de

sua narração. [...] A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. (FREIRE, 2011, p. 80)

8. QUADROS SINÓPTICOS COMPARATIVOS DAS PRINCIPAIS IDEIAS DOS AUTORES SOBRE INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Com base nos conceitos expostos acima, pode-se construir os quadros a seguir, com uma síntese comparativa dos pontos concordantes e discordantes no pensamento de Bordieu, Foucault e Freire, a saber:

QUADRO 1: SINÓPTICO COMPARATIVO DAS PRINCIPAIS IDEIAS CONCORDANTES DOS AUTORES SOBRE INSTITUIÇÃO ESCOLAR

AUTORES	CONCORDÂNCIAS
Pierre Bourdieu	A escola marginaliza os alunos das classes populares, enquanto privilegia os alunos mais abastados, que são dotados de maior capital cultural. Por isso, o discurso de igualdade que a escola prega não funciona na prática, porém serve de instrumento de dominação.
Michel Foucault	A escola está mais preocupada em enquadrar os alunos em uma escala de notas, em uma hierarquia dos saberes com a finalidade de se obter títulos, passar em vestibulares, concluir um curso superior e enquadrar-se no mercado de trabalho. Raramente entende-se o processo educativo como a construção do sujeito, reforçando a ideia de dominação e não a prática da liberdade, prejudicando a formação da personalidade.
Paulo Freire	A escola não é para todos e, sim, uma instituição que castiga e expulsa os alunos e segrega os adaptados dos

	menos adaptados, confirmando o poder ideológico dominador do Estado. Persiste em continuar aplicando técnicas pedagógicas ultrapassadas, que os mais necessitados geralmente não conseguem compreender.
--	---

QUADRO 2: SINÓPTICO COMPARATIVO DAS PRINCIPAIS IDEIAS DISCORDANTES DOS AUTORES SOBRE INSTITUIÇÃO ESCOLAR EU PARTICULARMENTE NÃO VI DISCORDÂNCIA ENTRE ESTES PENSAMENTOS

AUTORES	DISCORDÂNCIAS
Pierre Bourdieu	A escola legitima o poder da classe da média: somente a instituição escolar realiza a compensação de uma vida marcada pela privação cultural e a possibilidade almejada de aquisição de bens e o desejo de ascensão.
Michel Foucault	A escola é uma instituição disciplinadora de pessoas, o qual define bem o que é poder. Porém, a sociedade está acostumada a entender o poder como algo negativo, proibido, secreto e uma área improdutiva. Porém, Foucault afirma que o poder produz saber e novos conhecimentos.
Paulo Freire	A escola é um instrumento de segregação, ao invés de ser de democratização.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A função da escola, ao longo do tempo assumiu diversas conotações quanto seu verdadeiro papel. E diante das análises dos discursos de Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Paulo Freire verificou-se, claramente concepções diferentes, ora concordantes e discordantes. Apesar dos autores não ter desenvolvido modelos

pedagógicos, suas ideias ajudaram a compreender o significado social da instituição, onde a educação deixa de ser vista de forma individualista e sim através de uma perspectiva coletiva.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA CUNHA, Maria Amália de. **O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica.** CIDADE: Perspectiva, v. 25, n. 2, p. 503-524, 2007.

BORGES, Juliano Luis. Escola e disciplina: uma abordagem foucaultiana. **Revista Urutágua**, n, 2004.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 1977.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não.** CIDADE. Olho D'água, 1997.

FREIRE, Paulo; CAMPOS, Marcio D.'Oliveira. **Da leitura da palavra à leitura de mundo.** Campinas: Paz e Terra, 1982.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a educação.** CIDADE: Distribuidora Autentica LTDA, 2007.